

REAVI

CONCEITO DE DEPENDÊNCIA DA TRAJETÓRIA (PATH DEPENDENCE): ESTUDO SOBRE O EMPREENDEDOR EM PONTO DE AÇAÍ

PATH DEPENDENCE CONCEPT OF PATH: A STUDY ON ENTREPRENEURS IN AÇAÍ POINT

José Luiz Nunes Fernandes*
Bárbara Ádria O. Farias Fernandes**
João Carvalho Lobo Neto***

RESUMO

Ao considerar-se a importância da história como aprendizado para ações futuras, aliada as sequências temporais que explicam o desenvolvimento econômico e social é que esta pesquisa fixou como objetivo identificar a trajetória do empreendedor do açaí quando esta é estudada sob a ótica conceitual de Dependência de Trajetória. Por meio de método de pesquisa preponderantemente bibliográfico chegou-se a conclusão que o empreendedor que hoje atua como batedor de açaí nas cidades da Amazônia brasileira teve como precursor o homem que atuava em guildas nas cidades livres da Europa, perpassou pela atuação histórica do negro e do índio na Amazônia brasileira e culminou com o nordestino que, após o declínio da época áurea da borracha, passou a exercer o extrativismo nos furos e rios que circunvizinham as cidades da Amazônia brasileira. Em síntese, esta foi a dependência de trajetória do hoje empreendedor de açaí que atua nas cidades da Amazônia brasileira.

Palavras chaves: Batedor de açaí. Dependência de trajetória. Época áurea da borracha. Amazônia brasileira.

ABSTRACT

When considering the importance of history as learning for future actions, combined with the temporal sequences that explain economic and social development, this research has set itself the objective of identifying the trajectory of the açaí entrepreneur when it is studied under the conceptual perspective of Dependence on Trajectory. Through a predominantly bibliographic research method, the conclusion was reached that the entrepreneur who now works as açaí batter in the cities of the Brazilian Amazon had as a precursor the man who worked in guilds in the free cities of Europe, went through the historical performance of the black and of the Indian in the Brazilian Amazon and culminated in the Northeast, who, after the decline of the golden age of rubber, began to exercise extraction in the holes and rivers that surround the cities of the Brazilian Amazon. In summary, this was the path dependence of today's açaí entrepreneur who works in cities in the Brazilian Amazon.

Keywords: Açaí beater. Path dependence. Golden age of rubber. Brazilian Amazon.

* UNOPAR/UNAMA. E-mail: jluiz@ufpa.br

** UNOPAR/UNAMA. E-mail: barbaraadria@yahoo.com.br

*** UFPA. E-mail: lobocontabil@yahoo.com.br

1 INTRODUÇÃO

O conceito de dependência da trajetória, ou *path dependence*, busca explicar a importância de sequências temporais do desenvolvimento e considera, além do tempo, eventos e processos sociais (BERNARDI, 2012). Neste sentido, North (2018) complementa ao expressar que a história importa, não só porque pode-se aprender com o passado, mas também porque o presente e o futuro estão relacionados com o passado por meio da continuidade das instituições de uma sociedade e as escolhas de hoje e de amanhã são moldadas pelo passado.

Entende-se que a compreensão da histórica possibilita descobrir a lógica do mundo ao nosso redor e, para isto, é preciso entender os detalhes de como ele chegou até este momento. Nesta direção, Bernardi (2012) alerta que por muitos anos uma concepção geral e histórica dos processos sociais foi a norma ontológica e epistemológica em muitos ramos das ciências sociais e, especialmente, na teoria econômica neoclássica.

Deste modo, a análise histórica comparativa é parte de um projeto intelectual de longa tradição orientado para a explicação de resultados substantivamente importantes e pode ser entendida como um ramo do neoinstitucionalismo histórico e definida por sua preocupação com a análise causal, por sua ênfase na temporalidade dos processos e pelo uso sistemático e contextualizado de comparações entre casos (MAHONEY; RUESCHEMEYER, 2003).

A história registra que no final da era medieval havia mais de mil cidades espalhadas pela Europa e, cada uma delas, em plena eclosão econômica. Esses pontos urbanos, denominados de cidades livres, ofereciam celeiros, lojas, hospedagem etc., e essas cidades também serviam para encontro de artesãos das mais diversas modalidades e esses artífices das cidades livres se organizavam em guildas que eram as corporações de ofício de fundidores e serralheiros, tecelões, tintureiros, pedreiros, bordadores, chapeleiros, tapeceiros etc (RIFKIN, 2016).

A evolução histórica leva ao ponto de açaí, local de venda no varejo do suco ou vinho do açaí. Neste contexto, Araújo (2017) diz que, aos moldes das guildas, os batedores artesanais de açaí são pequenos estabelecimentos, geralmente familiares, que compram o fruto do açaizeiro de intermediários e vendem o vinho ou suco deste diretamente ao consumidor. Estes localizam-se nos mais diversos municípios da Amazônia brasileira.

O contexto conduz ao seguinte problema norteador desta pesquisa: **Qual a trajetória do empreendedor do açaí quando estudada sob o conceito de Dependência de Trajetória?** Em decorrência disto, o propósito desta investigação é identificar a trajetória do empreendedor do açaí quando esta é estudada sob a ótica conceitual de Dependência de Trajetória.

Como estudos anteriores basilares, identifica-se inicialmente o de Bernardi (2012) cujo objetivo foi mapear as principais diferenças e controvérsias entre os autores que trataram do conceito de dependência de trajetória. Norteia também esta pesquisa o trabalho de North (2018), que redundou em obra voltada ao estudo das Instituições, a evolução das instituições e a sinergia com o desempenho econômico.

Como justificativa tem-se a expectativa de que, ao se entender as sequências temporais, eventos e processos sociais (*path dependence*) dos empreendedores que hoje atuam como batedores de açaí será possível contribuir com o futuro destes e a continuidade de seus negócios, pois o presente e o futuro estão relacionados com o passado por meio da continuidade das instituições e as escolhas de hoje e de amanhã são moldadas pelo passado (BERNARDI, 2012; NORTH, 2018).

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 DEPENDÊNCIA DE TRAJETÓRIA

Não se tem controvérsias de que as instituições afetam o desempenho das economias, embora North (2018, p.13) diga que “nem a teoria econômica atual nem a cliometria (nova história econômica) dão amostras de valorizar o papel das instituições no desempenho econômico porque ainda não existe sistema analítico que integre a análise institucional à ciência”.

Por outro lado, quando se estuda o institucionalismo histórico que, como expressa a nomenclatura, analisa sob a ótica institucional a história econômica, depreende-se que as escolhas realizadas no momento de formação das instituições e das políticas exercem um efeito de constrangimento sobre o seu futuro desenvolvimento em razão da tendência inercial das instituições que bloquearia ou dificultaria subsequentes mudanças (GAINS; JOHN; STOKER, 2005).

No contexto anterior, se um segmento econômico, como o microempreendedor varejista do açaí, adotar uma trajetória específica seria necessário um grande esforço ou até mesmo um choque externo para alterar a direção e o curso das instituições em momentos posteriores. Hall e Taylor (1996) destacam que os institucionalistas históricos estão associados à perspectiva particular de desenvolvimento histórico, defendendo um modelo de causalidade social que é dependente da trajetória ou *path dependent*.

As críticas efetuadas por Brian Arthur e Paul A. David, com base em modelos estocásticos não lineares sobre às premissas de eficiência da teoria econômica neoclássica, demonstraram que, dentre duas ou mais alternativas, não necessariamente prevaleceria a mais eficiente em condições de retornos crescentes, nas quais um aumento na aplicação de uma tecnologia, bem como um aumento na produção ou na distribuição de um produto eleva os benefícios de uma maneira autorreforçante ou *self-reinforcing way*. Nesta descoberta e sob os argumentos dos autores, o conceito de dependência de trajetória teve seus estudos iniciais (BERNARDI, 2012).

Destaca-se, ainda, que um dos estudos embrionários sobre *path dependente* é lembrado por Arrow (2004) quando diz que evidências empíricas confirmaram a existência de processos dependentes da trajetória. Lembra o autor que o trabalho realizado por Veblen sobre a explicação da razão do desenvolvimento econômico da Alemanha ter ultrapassado o do Reino Unido, embora o caso alemão fosse o de um *latecomer* (retardatário). Segundo Veblen, o pioneirismo inglês tornou o país refém de bens de capital obsoletos, enquanto que a Alemanha, por ter se desenvolvido industrialmente, foi capaz de se utilizar de novas tecnologias mais eficientes (BERNARDI, 2012).

Tendo em vista os entendimentos de North (2018), quando expressa que a história importa e que o legado do passado condiciona o futuro, o institucionalismo histórico defende a ideia de que os indivíduos agem dentro de arranjos institucionais cuja estrutura atual e funcionamento só podem ser entendidos se a análise estiver integrada a uma perspectiva histórica. Nesse caso, o conceito de dependência da trajetória, ou *path dependence*, surge como ferramenta analítica para entender a importância de sequências temporais e do desenvolvimento, no tempo, de eventos e processos sociais (KAY, 2005).

Ademais, por muitos anos, entendeu-se que o desenrolar dos processos sociais e econômicos não era influenciado pelo passado, uma vez que cada resultado é mais ou menos determinado no momento presente e analisado por uma configuração existente de variáveis cujo

impacto causal é constante qualquer que seja sua localização na sequência temporal dos eventos (HOWLETT; RAYNER, 2006; HOWLETT, 2009; DAVID, 2000).

Em contradição, a utilização hodierna do conceito de *path dependence* opõe-se a essa linha de pensamento, assim o surgimento e difusão de trabalhos que incorporaram a dimensão temporal dos processos sociais às análises a partir da ideia de dependência da trajetória, por um lado, e a divergência comum diante das abordagens históricas antes citadas, por outro, não significam que haja consenso entre os autores sobre a definição e aplicabilidade empírica do termo *path dependence* (BERNARDI, 2012).

A unanimidade conceitual de *path dependence* não existe. Deste modo, autores como Greener (2005); Mahoney e Schensul (2006) bem como Bennett e Elman (2006) arguem que o conceito de dependência da trajetória é utilizado de maneiras bastante diferentes e com vários graus de especificação pelos especialistas interessados na aplicação da história e da temporalidade para entender fenômenos políticos, econômicos e sociais. Bernardi (2012) ressalva que:

a literatura mais recente indica diferentes mecanismos explicativos são responsáveis por processos de dependência da trajetória, assim torna-se indispensável identificar a lógica operativa das peças e engrenagens de cada um deles. Isso porque fontes de mudança e também a susceptibilidade a mudanças variarão a depender do mecanismo explicativo em operação. Sem esse entendimento, o conceito de dependência da trajetória perde muito em termos de utilidade analítica e de poder explicativo mais geral.

A esta circunstância, destaca-se os entendimentos de Mahoney (2006, p.135) quando diz existir “outros tipos de dependência da trajetória como sequências reativas, nas quais em vez da reprodução estável de um resultado particular ao longo do tempo o que se tem são antes dinâmicos de reação e contrarreação em que cada evento na sequência é tanto uma reação a eventos antecedentes quanto uma causa para eventos subsequentes”.

Bernardi (2012, p.159) complementa dizendo que “numa sequência reativa os eventos iniciais são também especialmente importantes, não porque desencadeiam um processo de autorreforço de um padrão, mas sim porque põem em marcha uma cadeia de reações e contrarreações fortemente interligadas que conduz o processo a uma trajetória específica de desenvolvimento”. Assim o evento A, um acontecimento inicialmente contingente, leva ao evento B que leva ao evento C e assim sucessivamente até que o evento Z de interesse seja alcançado (MAHONEY, 2000).

Destarte, trata-se de processos de sequencialidade intrínseca: as cadeias são marcadas por eventos em que a ordem temporal dos acontecimentos é bem estabelecida; as ligações entre os eventos ou processos são marcadas por relações necessárias ou suficientes; e a separação temporal dos eventos é mínima (MAHONEY, 2006).

O entendimento que tem prevalecido em relação ao conceito de dependência da trajetória associa a ideia a um tipo específico de sequência em que, num dado contexto de condições iniciais múltiplas alternativas são possíveis, eventos contingentes durante um momento crítico (*critical juncture*) favorecem uma alternativa em detrimento das outras, o que então desencadeará um padrão específico de desenvolvimento, ou trajetória, que constrangerá os graus de liberdade posteriores dos atores (BERNARDI, 2012).

O conceito de dependência da trajetória ainda está em construção, tanto no debate dentro da economia como na literatura especializada da Ciência Política, Sociologia, Contabilidade etc. Porém, a literatura mais recente indica existir diferentes mecanismos explicativos responsáveis

por processos de dependência da trajetória, deste modo torna-se indispensável identificar a lógica operativa das peças e engrenagens de cada um deles. Isso porque potenciais fontes de mudança e também a susceptibilidade há mudanças variarão a depender do mecanismo explicativo em operação (BERNARDI, 2012). Sob as premissas conceituais de dependência de trajetória o trabalho evolui no sentido de descrever o percurso histórico do hoje empreendedor baterdor de açaí.

2.2 PERCURSO HISTÓRICO DO EMPREENDEDOR BATEDOR DE AÇAÍ

Argui-se, inicialmente, que os recursos econômicos envolvidos na produção de bens e serviços não se ajustam sozinhos e, no contexto produtivo como a produção e venda de açaí, são necessárias as instituições para propiciarem regras para a organização desses fatores produtivos gerando, conseqüentemente, bens e serviços compromissados com o bem-estar da sociedade (SCHMID, 2004).

A economia feudal europeia destacou-se por: (i) ter a matriz energética presente na força do trabalho composta pela força dos animais como servos, bois e cavalos; (ii) as florestas forneciam energia térmica para a metalurgia com produção de pequena escala; (iii) clero e nobres controlavam a terra; (iv) população iletrada e a vida econômica estava sob o jogo das limitações temporais e espaciais da cultura oral (RIFKIN, 2016).

É possível também destacar que, na economia feudal europeia, a troca econômica raramente se estendia para além das relações familiares diretas e de parentesco. Nessa situação, nas comunidades com fortes laços consanguíneos, a palavra de uma pessoa era a garantia da confiabilidade da troca entre vizinhos (RIFKIN, 2016).

A economia feudal evoluiu daquela de subsistência para uma economia de mercado que, além de produzir para consumo passou também à comercialização, realidade divisora de água na história econômica da humanidade e, nesse panorama, surgiram as “cidades livres” que eram no final da era medieval em número superior a um milhar. Os artesãos dessas novas cidades se organizavam em guildas (RIFKIN, 2016).

As guildas eram pequenos empreendimentos compostos por artesãos que exerciam diversas atividades como: fundidores, serralheiros, tecelões, tintureiros, armeiros, pedreiros, vidraceiros, tapeceiros etc. Estes atuavam conjuntamente onde era possível estabelecer padrão de qualidade para seus artigos, definição de preços fixos para seus produtos, determinar a quantidade que deveria ser produzida entre outras (EPSTEIN; PRAK, 2008).

A descontinuidade do modelo empreendedor, denominado de guildas, ocorreu no século XVII e os motivos são enumerados por Rifkin (2016): (i) dissolução das comunas feudais; (ii) repentina disponibilidade de uma força de trabalho barata; (iii) novo potencial de produtividade resultante da convergência da imprensa com a energia proveniente da água e do vento.

Do outro lado do mundo, na Amazônia brasileira, em 1616 os portugueses chegavam e, a respeito deste cenário, Santos (1980) e Costa (2012) relatam que a Amazônia brasileira vive em panorama que a economia era voltada ao exterior e numa conjuntura de relativa euforia herdada do final do século anterior, porém não mostrava sinais de solidez interna e, nessa direção salienta: (i) a atividade pesqueira era para consumo doméstico; (ii) pecuária e atividades agrícolas inexpressivas; e (iii) reduzida atividade industrial.

No âmbito econômico histórico anterior, relata Costa (2012), que ocorreu a passagem de um projeto agrícola para uma prática sistemática e dominante do extrativismo de coleta, trazendo os seguintes problemas: (i) redefinição do papel da agricultura de condição de base de exportação

para a de supridora de necessidades internas à colônia; (ii) restrições estruturais para obtenção de meios de produção no mercado mundial, em particular do escravo negro, que era caro, e a obtenção exigia meios de pagamentos internacionais.

A força do trabalho indígena era alternativa viável diante da africana, porém sua utilização era vista como segunda opção, portanto uma alternativa reconhecidamente inferior (COSTA, 2012). Nessa perspectiva, Santos (1980, p.61) destaca que “a escassez de mão-de-obra para trabalhos produtivos e domésticos era notória na Amazônia, desde os tempos iniciais da colonização. O índio foi por isso arregimentado; tornou-se remador forçado, pescador do homem branco, lavrador, serviçal e até soldado de infantaria”.

O século transcorrido entre os anos de 1650 e 1750 na Amazônia brasileira foi dominado pelo sistema econômico de “ciclo das drogas do sertão”, porém a partir do ano de 1750 é possível identificar dois subsetores: (i) um ascendente e constituído pela agricultura baseada em escravos negros e a força do trabalho livre; e outro (ii) decadente baseado em coleta dependente do sistema de repartição da força de trabalho indígena (SANTOS, 1980; COSTA, 2012).

A histórica econômica registra que a Amazônia colonial, entre os anos de 1688 e 1755, cresceu em média 6,3% ao ano. Porém, o extrativismo tornou-se insustentável face, entre outros fatores, à redução de 70% para 30% dos agentes internos no valor adicionado das exportações da região. Costa (2012) relata que na busca de superar o que se interpretava como uma crise, surgiu um projeto institucional com o propósito de uma agricultura eficaz, ou uma retomada do projeto agrícola civilizatório dos primórdios da Colônia, com características de um campesinato.

Nesse enquadramento histórico, econômico e social surgiu o que Costa (2012) denominou de famílias caboclas, as quais possuíam conhecimento que o índio possuía da floresta amazônica e, ao mesmo tempo, necessidades e valores europeus. A partir daí, pode-se falar em campesinato tipicamente amazônico. A esse campesinato caboclo é possível atribuir a responsabilidade pela produção exportável.

Entre os anos de 1805 e 1840, a economia amazônica registrou declínio e em grande parte pelo decréscimo no mercado mundial do preço do cacau adicionado a outros fatores como a guerra do Grão-Pará com a Guiana Francesa que destruiu vidas tanto dos colonizadores como dos nativos e, em consequência no final dessa fase histórica, a renda per capita caiu para 49 dólares (SANTOS, 1980).

A história econômica da Amazônia, quando voltada a ciclo da borracha, registra que, inicialmente, a borracha era matéria-prima de artigos rudimentares como capa de chuva, galocha, sapatos e sandálias vendidos nos mercados norte-americano e europeu (SANTOS, 1980; COSTA, 2012). Costa (2012, p.62) evolui quando complementa que “o ponto de inflexão na geração de necessidades de látex, matéria-prima que se sabia existir em abundância apenas da Amazônia brasileira, foi a vulcanização da borracha”. Nesse quadro, Santos (1980, p.75) explica que “precedida de um conhecimento científico que se desenvolvia desde 1736, a descoberta da vulcanização da borracha nos Estados Unidos e Inglaterra cria novas oportunidades para a combatida economia Amazônica”.

A mão de obra indígena foi a primeira a ser utilizada na produção da borracha ou látex extraído da seringueira (*hevea brasiliensis*), embora tenha ocorrido escassez da mão de obra em virtude da demanda crescente (COSTA, 1980). Destarte que, por mais de meio século, a produção da borracha cresceu na Amazônia juntamente com os preços, que isto gerou crescimento econômico em torno de 6,5% ao ano (SANTOS, 1980; COSTA, 2012).

O silvícola amazônico, embora conhecedor da floresta, não se adaptou ao isolamento na selva na colheita do látex e como alternativa surgiu o homem nordestino que fugia da seca que atingiu o Nordeste brasileiro. Por esse ângulo, Costa (2012) explica que o crescimento da produção de seringa teve o suporte da mão de obra dos nordestinos, os quais foram responsáveis pelo crescimento populacional da Amazônia entre os anos de 1848 e 1854, em 3,3% ao ano. Esses habitantes, motivados por secas sucessivas no Nordeste brasileiro, estabeleceram-se nas imediações de Belém, região que hoje corresponde a região dos furos, onde teve início a extração da borracha com o fulcro de exportação.

Ademais, a mão de obra nordestina fora caracterizada por ter estruturas produtivas familiares, porém sem habilidades e conhecimento em lidar com a diversidade da produção do bioma amazônico e de seus congêneres, sequencialmente o trabalho na extração da borracha foi o caminho de possível adaptação e a força de trabalho empregada nos seringais proveio quase que exclusivamente da região Nordeste (SANTOS, 1980).

A época áurea da borracha, que ocorreu por volta dos anos de 1910 a 1920, existiu o que foi denominado de seringal-empório, que eram empresas locais financiadas por fontes internacionais. Porém, a história econômica registra declínio desta época. Santos (1980) atribui este fato aos elevados custos de produção da borracha aliado às práticas altistas dos intermediários, fatos que estimularam a produção da borracha no Oriente e esse declínio prolongou-se até o ano de 1920. Costa (2012) complementa expressando que na base da crise encontrava-se a violenta retração no valor das exportações de borracha que no ano de 1921 representava 45% da quantidade transacionada com o exterior no ano de 1910.

Após a crise da borracha e ao longo do século XX, a economia na Amazônia fora caracterizada pelos seguintes fatores: (i) avanço no nível de urbanização; (ii) formação de pequeno parque industrial; (iii) persistência na agricultura primitiva; (iv) mão de obra presente de forma significativa no setor primário; (v) continuação da exploração extrativista; (vi) alta vulnerabilidade em relação ao exterior e grande dependência das importações (SANTOS, 1980).

Com o colapso da economia da borracha e a desagregação da cadeia produtiva do látex, ocorreu a ampliação da base camponesa da região e, desse modo, a força produtiva, outrora retida nos seringais e que não retornou ao Nordeste, deslocou-se para sub-regiões da Amazônia ocupando os furos e rios que circunvizinham as cidades amazônicas (COSTA, 2012).

Os nordestinos outrora atrelados aos seringais, empresas agora falidas, transformam-se em camponeses agrícolas autônomos que se assentam nas proximidades das grandes cidades da região, passando a produzir arroz, farinha de mandioca, milho e feijão para abastecer esses mercados. Esses bravos homens, oriundos da região Nordeste e que migraram para a região amazônica, fizeram do extrativismo vegetal mais que uma prática de sobrevivência; constituíram uma atividade econômica (SANTOS, 1980; COSTA, 2012).

Neste contexto e dentre os produtos hodiernos manufaturados pelos camponeses agrícolas autônomos e anteriormente vinculados aos seringais, destaca-se o açaí (SILVA, 2017). A palmeira do açaí (*Euterpe oleracea*) é o vegetal explorado para a retirada do fruto que dá origem à poupa, bebida ou vinho do açaí (SILVA, 2017). Do seu fruto, tem-se como principal produto a polpa do açaí ou vinho de açaí, cujo consumo na capital paraense é significativo (ARAÚJO, 2017). Nessa perspectiva, o açaí tornou-se um dos frutos de destaque socioeconômico da Amazônia e a atividade possibilita significativa distribuição de renda para a população local pelo fato de ser direcionada a milhares de pequenos produtores, além das indústrias processadoras (NOGUEIRA; SANTANA 2009).

Transcorridos mais de 150 anos, os descendentes dos nordestinos que migraram para a Amazônia na época áurea da borracha moram nos bairros periféricos das grandes cidades amazônicas como: Belém, Macapá, Manaus, Santarém, Igarapé Miri, Abaetetuba entre outras. Estes são, em grande parte, os hodiernos batedores de açaí.

Os batedores artesanais de açaí são pequenos estabelecimentos, geralmente familiares, que compram o fruto açaí de intermediários e vendem a polpa ou vinho de açaí diretamente ao consumidor. Estão localizados nos mais diversos locais de Belém e municípios do Estado do Pará (ARAÚJO, 2017).

Na cidade de Belém, o açaí comercializado tem várias origens e depende da época e sob qual circunstância climática isso ocorre. No período da safra, que vai de junho a dezembro, a origem prepondera pelos municípios adjacentes a Belém, como: Cametá, Ponta de Pedra, Igarapé-Miri e Abaetetuba e outras cidades da ilha do Marajó como São Sebastião da Boa Vista etc (RIBEIRO, 2014).

Na evolução do trabalho e prezando-se pela racionalidade humana, buscar-se-á classificar a presente pesquisa, pois entende-se que, deste modo, será possível atingir de forma organizada o objetivo proposto, qual seja, identificar a trajetória do empreendedor do açaí quando esta é estudada sob a ótica conceitual de Dependência de Trajetória.

3 METODOLOGIA

Em relação à finalidade, entende-se que o presente estudo, ao buscar identificar a trajetória do empreendedor do açaí quando esta é estudada sob a ótica conceitual de Dependência de Trajetória, está-se diante do tipo de pesquisa denominada por Gil (2010) como pesquisa básica pura, já que o fulcro é a ampliação do conhecimento do objeto proposto.

Já quando se volta aos objetivos mais gerais, entende-se que se está diante de tipologia de pesquisa classificada por Gil (2010) como pesquisa exploratória, pois se busca adquirir conhecimentos sobre trajetória do empreendedor do açaí quando esta trajetória é estudada sob a ótica conceitual de Dependência de Trajetória.

Em relação ao delineamento da pesquisa, e pelo fato desta ter sido elaborada com base em material já publicado como livros, artigos, anais de eventos, dissertações e teses, entende-se que se está diante de tipologia denominada de pesquisa bibliográfica.

Na sequência, o resultado da pesquisa exploratória/bibliográfica será alvo de análises, no afã de buscar entender o percurso histórico do hodierno empreendedor batedor de açaí e suas relações com o conceito de Dependência de Trajetória.

4 ANÁLISE DO RESULTADO

4.1 ANÁLISE SOB A ÓTICA DE DEPENDÊNCIA DE TRAJETÓRIA

O batedor de açaí, que atua nas cidades da Amazônia brasileira, não surgiu por acaso, não surgiu de repente, não surgiu agora, não surgiu do nada, ele possui uma trajetória histórica e, nesse sentido, resgata-se North (2018) quando expressa que a história importa e que o legado do passado condiciona o futuro. No contexto, o conceito de dependência da trajetória, ou *path dependence*, surge como artefato que possibilita entender a importância de sequências temporais e do desenvolvimento, no tempo, de eventos e processos sociais (KAY, 2005).

A pesquisa demonstrou que o empreendedor, que hodiernamente atua como batedor de açaí e vende o vinho para o consumidor final, possui uma trajetória particular de desenvolvimento. É o que Hall e Taylor (1996) destacam como institucionalistas históricos associados com uma perspectiva particular de desenvolvimento histórico, defendendo um modelo de causalidade social que é dependente da trajetória ou *path dependent*.

O modelo de negócio do pequeno empreendedor que hoje atua na produção e venda do açaí foi moldado, embrionariamente, na economia feudal no final da era medieval, onde estes organizavam-se em guildas (RIFIKIN, 2016; EPSTEIN; PRAK, 2008). Com a evolução registrada pela história econômica e as inúmeras fases e transmutações desafiadoras, é possível identificá-los hodiernamente atuando nas cidades da Amazônia brasileira.

Neste contexto, Bernardi (2012) diz torna-se indispensável identificar a lógica operativa das peças e engrenagens de cada um deles. Isso porque potenciais fontes de mudança e também a susceptibilidade a mudanças variarão a depender do mecanismo explicativo em operação. Assim, hoje, é possível entender que no futuro o pequeno empreendedor irá usufruir da experiência histórica acumulada por este segmento empresarial (GAINS; JOHN; STOKER, 2005; NORTH, 2018). Porque estes põem em marcha uma cadeia de reações e contrarreações interligadas que conduz o processo a uma trajetória específica de desenvolvimento (MAHONEY, 2006).

Nessa conjuntura, os processos de sequencialidade intrínseca, ou seja, as cadeias são marcadas por eventos em que a ordem temporal dos acontecimentos é bem estabelecida; as ligações entre os eventos ou processos são marcadas por relações necessárias ou suficientes; e a separação temporal dos eventos é mínima (MAHONEY, 2006).

4.2 ANÁLISE SOB OS PRECEITOS DO PERCURSO HISTÓRICO DO EMPREENDEDOR BATEDOR DE AÇAÍ

Na evolução da história econômica da Europa, com a dissolução das comunas feudais aliada à força de trabalho de baixo custo e o surgimento da imprensa, além da energia proveniente da água do vento, observava-se no Brasil uma economia que, embora fosse voltada para o exterior por força dos interesses da Coroa Portuguesa, carecia de solidez interna e caracterizada por ter uma atividade pesqueira voltada para o consumo interno, inexpressivas atividades pecuárias e agrícolas, além de reduzida atividade industrial (SANTOS, 1980; COSTA, 2012; RIFKIN, 2016).

Depreende-se do contexto econômico acima descrito que, no Brasil e, especialmente na Amazônia brasileira, o panorama instigava novos tempos, novos ares, outras realizações embora prevalecesse a atividade exportadora alicerçada nas “drogas do sertão” com a preponderância da limitada mão de obra indígena, essa de menor custo que a africana (SANTOS, 1980; COSTA, 2012).

Principalmente, com o declínio do preço do cacau no mercado mundial, a renda *per capita* na Amazônia decresceu a 49 dólares (SANTOS, 1980), porém pairava no ar um aroma de um novo ciclo econômico, pois a borracha amazônica como matéria-prima de inúmeros produtos de menor valor agregado da indústria norte-americana e europeia instigava o poder criativo do homem. Nessa situação, surgiu a vulcanização da borracha (SANTOS, 1980; COSTA, 2012).

A indústria de aeronaves passou a utilizar as rodas dos aviões tendo como matéria-prima o látex da borracha produzida exclusivamente na Amazônia, com isto a economia da Amazônia teve, por mais de 50 anos, crescimento de 6,5% a.a. Nesse quadro, o silvícola amazônico não teve força

para atender a expressiva demanda internacional. O panorama exigia alternativas à mão de obra do índio amazônico (SANTOS, 1980; COSTA, 2012).

Os nordestinos que fugiam de causticantes e sucessivas secas foram a alternativa aos combatidos silvícolas amazônicos, estes nordestinos passaram a extrair o látex na profundidade da selva amazônica. Porém e, principalmente, os elevados custos de produção da borracha fez com que o mundo econômico buscasse alternativa e essa surgiu por meio de produção da borracha de boa qualidade e menor custo nos países do Oriente, com isto ocorreu declínio da produção da borracha na Amazônia brasileira (SANTOS, 1980; COSTA, 2012).

Tal como aconteceu com o baixo custo da mão de obra na história econômica da Europa medieval, fato que contribuiu com a dissolução do modelo empreendedor denominado de guildas, o baixo custo da mão de obra dos empreendimentos das empresas orientais impactou de forma direta os seringalistas da Amazônia brasileira. Assim resgata-se os entendimentos de Bernardi (2012), quando expressa que, num dado contexto de condições iniciais múltiplas alternativas são possíveis, eventos contingentes durante um momento crítico (*critical juncture*) favorecem uma alternativa em detrimento das outras, o que então desencadeará um padrão específico de desenvolvimento, ou trajetória, que constrangerá os graus de liberdade posteriores dos atores.

O contexto econômico pós-crise da borracha na Amazônia brasileira voltou ao extrativismo e mão de obra presente de forma significativa no setor primário, de modo que os nordestinos que não retornaram para sua terra natal passaram a residir nos furos, rios e igarapés que circunvizinham as cidades amazônicas. Esses extrativistas não eram índios, não eram negros, eram caboclos que plantavam e colhiam frutos da selva, dentre eles, o açaí. Parte da produção era consumida e o excedente transacionado nos portos e feiras das cidades amazônicas (COSTA, 2012).

Em busca de melhores condições de vida e detentores da *expertise* do trato com a produção do vinho do açaí, os outrora nordestinos que atuaram na colheita do látex da borracha, hoje moram e produzem o vinho do açaí em residências nos bairros periféricos das cidades amazônicas (SANTOS, 1980; MAHONEY, 2000; BERNRDI, 2012; COSTA, 2012; ARAÚJO, 2017).

A Figura 1, em seguida, intenciona demonstrar as sequências intrínsecas que marcaram eventos de acontecimentos e que estabeleceram ligações temporais marcadas por relações necessárias e suficientes em caracterizar o que se denomina de dependência de trajetória (SANTOS, 1980; MAHONEY, 2000; BERNRDI, 2012; COSTA, 2012; ARAÚJO, 2017).

Figura 1. Trajetória do hoje, batedor de açaí



Fonte: Os autores, 2020.

Adiciona-se a esta análise, os entendimentos de North (2018) quando diz que a história importa, não só porque pode-se aprender com o passado, mas também porque o presente e o futuro estão relacionados com o passado por meio da continuidade das instituições de uma sociedade e as escolhas de hoje e de amanhã são moldadas pelo passado.

5 CONCLUSÃO

Esta pesquisa foi realizada com o propósito de identificar a trajetória do empreendedor do açaí que exerce suas atividades nas cidades da região Norte do Brasil e foi estudada sob a ótica conceitual de Dependência de Trajetória, esta marcada por eventos em que a ordem temporal dos acontecimentos é bem estabelecida; as ligações entre os eventos ou processos são marcadas por relações necessárias e sucessivamente cronológicas.

Foi possível identificar que a economia feudal europeia, quando evoluiu de economia de subsistência para a de mercado e esta exercida nas “cidades livres”, aflorou a atividade de artesanato que trabalham em guildas e atuando em diversas frentes como: fundidores, serralheiros, tecelões, tintureiros, armeiros, pedreiros, vidraceiros, tapeceiros etc. Porém, as atividades exercidas em guildas declinaram face, em grande parte, pelo custo menor disponibilizado pela força do trabalho adicionado ao novo potencial de produtividade resultante da convergência da imprensa com a energia proveniente da água do vento.

Ao voltar o estudo para a economia da Amazônia brasileira, foi possível identificar que no período colonial destacava-se a exportação das “ervas do sertão” cuja produção local era predominantemente exercida pela mão de obra indígena que possui menor custo que a executada pelos negros advindos da África. Fatores macroeconômicos fizeram com que os preços destes produtos declinassem no mercado internacional e com isto também a atividade econômica declinou.

O ciclo econômico seguinte, e virtuoso vivenciado na Amazônia, foi denominado de “Ciclo da Borracha” cuja divulgação pelos Estados Unidos e Europa da vulcanização possibilitou demanda pelo látex em números expressivos e por mais de 50 anos, com crescimentos econômicos anuais superiores a 6%. Nesta fase progressista, já não se encontrava na Amazônia a mão de obra silvícola atuando na extração do látex, e sim os nordestinos que se refugiaram de sucessivas secas que atingiram o Nordeste brasileiro e eram detentores do sonho de novas oportunidades de trabalho.

O mundo econômico encontrou a produção do látex por um custo de produção menor que o produzido na Amazônia nos países do Oriente, especialmente na Ásia, que por meio de inovações agronômicas obteve excelentes resultados e, com isto, o ciclo da borracha na Amazônia sofreu forte interrupção. O nordestino que trabalhava na extração do látex em grande parte passou a reconstruir sua vida alicerçada na economia de subsistência nas ilhas e margem de rios que circunvizinham as cidades da Amazônia brasileira.

Os descendentes dos nordestinos, outrora trabalhadores da extração da borracha nos seringais da Amazônia, agora estão estabelecidos, em maioria, nos bairros periféricos das grandes cidades da Amazônia e atuando em seus empreendimentos na extensão territorial de suas residências e com o envolvimento da família. Assim, o conceito de dependência da trajetória, ou *path dependence*, aflora como instrumento que possibilita entender a importância de sequências temporais e do desenvolvimento, no tempo, de eventos e processos sociais.

Destaca-se o fato desta pesquisa privilegiar a metodologia bibliográfica como um dos aspectos limitadores, pois possivelmente trabalho empírico onde os descendentes dos nordestinos e hoje moradores das cidades da Amazônia brasileira onde exercem suas atividades profissionais na produção e venda do vinho de açaí, se consultados, poderiam trazer contribuições à proposta deste trabalho.

Diante das limitações antes destacadas, sugere-se novas pesquisas, agora por meio do empirismo e caminho inverso ao que foi percorrido por este trabalho, ou seja, a partir da consulta aos batedores de açaí atuantes nas cidades amazônicas, buscar identificar se a retro trajetória histórica os levariam ao sistema de empreendimento por meio das guildas presentes nas cidades livres da Europa medieval.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, D. do. N. As perspectivas de competitividade dos batedores artesanais de açaí com selo 'açaí bom'. **Anais...** 1º SIMPÓSIO SOBER NORTE, Belém – Pará, 22 e 23 de Junho de 2017.

ARROW, K. J. Path dependence and competitive equilibrium. In: GUINNANCE, T.; SUNDSTROM, W. A.; WHATLEY, W. C. (Eds.). **History matters: essays on economic growth, technology, and demographic change.** Stanford, CA: Stanford University Press, 2004.

BENNETT, A.; ELMAN, C. Complex causal relations and case study methods: the example of path dependence. **Political Analysis**, v.14, n.3, p.250-267, 2006.

BERNARDI, B.B. O Conceito de Dependência da trajetória (Path Dependence): definições e controvérsias teóricas. **Perspectivas**, São Paulo, v. 41, p. 137-167, jan./jun. 2012.

COSTA, F. de. **Formação rural extrativista na Amazônia: os desafios do desenvolvimento capitalista (1720-1970).** Belém: NAEA, 2012, 154 p.

DAVID, P. A. **Path dependence, its critics and the quest for historical economics.** Working Paper, Department of Economics, Stanford University, 2000. Disponível em: <<http://economics.ouls.ox.ac.uk./12448/1/0502003.pdf>> Acesso em: 10 jul. 2020.

EPSTEIN, S.R.; PRAK, M. Guilds, innovation, and the European Economy, 1400-1800. Cambridge: **Cambridge University Press**, v.31, 2008.

GAINS, F.; JOHN, P. C.; STOKER, G. Path dependency and the reform of english local government. **Public Administration**, v.83, n.1, p.25-45, 2005.

GREENER, I. The potential of path dependence in political studies. **Politics**, v.25, n.1, p.62-72, 2005.

HALL, P. A.; TAYLOR, R. C. R. Political science and the three new institutionalisms. **Political Studies**, v.44, n.4, p.936-957, 1996.

REAVI

HOWLETT, M. Process sequencing policy dynamics: beyond homeostasis and path dependency. **Journal of Public Policy**, v.29, n.3, p.241-262, 2009.

_____.; RAYNER, J. Understanding the historical turn in the policy sciences: a critique of stochastic, narrative, path dependency and process-sequencing models of policy-making over time. **Policy Sciences**, v.39, p.1-18, 2006.

KAY, A. A critique of the use of path dependency in policy studies. **Public Administration**, v.83, n.3, p.553-571, 2005.

MAHONEY, J.; RUESCHEMEYER, D. (Eds.). **Comparative historical analysis in the social sciences**. New York: Cambridge University Press, 2003.

_____.; SCHENSUL, D. **Historical context and path dependence**. In: GOODIN, R. E.; TILLY, C. (Eds.). Oxford handbook of contextual political analysis. Oxford, UK: Oxford University Press, 2006. p.454-471.

NOGUEIRA, A. K. M.; SANTANA, A. C. Análise de sazonalidade de preços de varejo de açaí, cupuaçu e bacaba no estado do Pará. **Revista de Estudos Sociais**. v1, p.7-22, 2009.

NORTH, D.C. **Instituições, mudança institucional e desempenho econômico**. São Paulo: Três Estrelas, 2018. 255 p.

RIBEIRO, F.R. História e memória: uma história dos trabalhadores do açaí. **In...I Encontro Estadual da ANPUH-AP. I Jornada Internacional de estudos de História da Amazônia**. Macapá-Amapá, dez. de 2014.

RIFKIN, J. **Sociedade com custo marginal zero**. São Paulo: M. Books do Brasil Editora, 2016. 400 p.

SANTOS, R. A de. **O. História Econômica da Amazônia: (1800-1920)**. São Paulo: 1980. 358 p.

SCHMID, A. A. **Conflict and cooperation**. Malden, Massachusetts: Blackwell Publishing, 2004.

SILVA, H. **Socialização da natureza e alternativas de desenvolvimento na Amazônia Brasileira**. Tese de Doutorado em Economia. Belo Horizonte; Cedeplar/UFMG. 2017.